

“Dotada desde cedo de instituições administrativas (distrito policial, distrito de paz, Município, comarca), religiosas e de prestação de serviços como o médico e o escolar, Presidente Prudente tornou-se paulatinamente centro regional da Alta Sorocabana, o que contribuiu para a multiplicação de empreendimentos urbanos. A expansão da industrialização na Capital paulista liquidou as pretensões da pequena indústria prudentina que se esboçava nos primeiros tempos, mantendo-se o caráter essencialmente comercial administrativo e de prestação de serviços que caracterizou o núcleo urbano desde sua fundação”.

J. S. WITTER

*

*

*

SWEETZ (Paul) e BETTELHEIM (Charles). — *Sociedades de transição: luta de classes e ideologia proletária*. Tradução de Alberto Saraiva. Porto, Portucalense Editora, 1971. Coleção “Textos de Apêlo”, nº 3. 91 págs.

Parecem perfeitamente dispensáveis quaisquer palavras sobre Paul Sweetz e Charles Bettelheim, uma vez que a produção intelectual de ambos é familiar aos estudiosos das Ciências Sociais. O mesmo não ocorre, no entanto, com a editora Portucalense, ainda pouco conhecida entre nós. Caracterizando-se pela tradução de trabalhos importantes para a compreensão da realidade contemporânea, a editora portuguesa tem dois tipos de publicação: a “coleção A”, constante de dez livros, já em 1972, e a coleção “Textos de Apêlo”, com sete.

O trabalho de Sweetz e Bettelheim é uma coletânea de seis artigos, alguns dos quais publicados na *Monthly Review* de Nova York. O primeiro artigo, de autoria de Sweetz, apareceu no número de outubro de 1968 daquela revista e tem por título “Checoslováquia, Capitalismo e Socialismo”; é uma tentativa de interpretação do que ficou conhecido como o “fim da primavera de Praga”. Segundo o autor, a justificativa russa de “travar uma situação contra-revolucionária que representaria um regresso ao capitalismo” é falsa, na medida em que toda a U.R.S.S. está a orientar-se para este mesmo regresso. Na verdade, a invasão é “sinal de fraqueza soviética, face a uma crise crescente no conjunto do bloco”, crise revestida de um duplo aspecto: de um lado, a subida de Dubcek e o afastamento de Novotny do P. C. Checo afigurava-se como uma séria ameaça aos dirigentes dos demais P. Cs. orientais; de outro, a “força de atração das economias de mercado do Ocidente” atuando centrifugamente, punha em risco a integração do próprio bloco e a dominação russa sobre ele.

Para chegar a esta conclusão, Sweetz procura estabelecer o que seriam as “raízes da tendência para a restauração do capitalismo”, fulcro do debate instalado entre os dois escritores. Sem alongarmo-nos sobre as divergências surgi-

das, conviria esclarecer que enquanto Sweezy enfatiza os aspectos econômicos, durante a transição capitalismo-socialismo, para Bettelheim, o fator decisivo, isto é, dominante, “não é de natureza econômica, mas política”.

Apesar das abordagens diferentes, no início, os dois chegam a um ponto comum e apresentam o período de transição capitalismo-socialismo como “uma via com dois sentidos”, onde o término não é, necessariamente, o socialismo.

O que nos assegura, então, a permanência da via socialista? Os dois afirmam a presença de relações mercantis ao longo de toda a fase de transição, não sendo, pois, o “recoo ou progresso” destas o indicador da via seguida. “O que caracteriza o socialismo por oposição ao capitalismo, (...) é a existência da dominação do proletariado, da ditadura do proletariado. É pelo exercício desta ditadura em todos os domínios — econômico, político, ideológico — que as relações mercantis podem ser progressivamente eliminadas” (Bettelheim, p. 25); no entanto, o completo desaparecimento delas, só sera alcançado com o estabelecimento do socialismo em escala mundial. Para Bettelheim, privilegiar, nas análises, as relações mercantis, colocando-as como um dos problemas fundamentais da transição, é não ver senão a “superfície”.

Qual a “garantia” de que a ditadura seja do proletariado, isto é, de que exista, de fato, um poder proletário? Que fatores são responsáveis pelo domínio de uma burocracia (segundo Sweezy, é o caso da União Soviética)? Quais as condições para a dominação de uma nova burguesia? Em primeiro lugar, Bettelheim não admite a dominação de uma burocracia ou o “poder de Estado de uma burocracia”; para ele, uma burocracia “está *sempre* a serviço de uma classe dominante”. O que existe ou é um Estado da classe operária ou é um “Estado burguês puro e simples. Não pode existir meio termo ou terceira via...” (pp. 57-8).

Não só as relações mercantis, mas as relações resultantes da divisão social do trabalho, a ideologia e os “restos das antigas classes” estarão presentes na transição. O que garante a não-dominação de tais relações e, portanto, das antigas classes é a *luta ideológica de classe* no seio do partido dirigente e no seio das massas. Esta luta só se realizará, se o partido no poder for marxista-leninista, isto é, um partido que *só pode ser* um “instrumento” do poder das massas e não o seu “representante”. A Ditadura do Proletariado significa que “não se exerça a ditadura no seio do povo” (Mao). (Toda esta última parte está claramente exposta no terceiro artigo de Bettelheim).

Além do tema central ou dentro dele, é, ainda, de interesse a explicação de Sweezy para o fracasso da União Soviética na construção do socialismo. (Aceita a tese de Isaac Deutscher exposta em *Revolução Inacabada* e em *Trotsky: o Profeta Desarmado*).

A revolução proletária ou anticapitalista é outro dos pontos levantados. Sweezy define um “proletariado de substituição” — elemento capaz de de-

sempenhar o papel atribuído à classe operária na concepção marxista clássica, uma vez que esta, no sentido clássico, não existe nos países subdesenvolvidos. Ainda nessa linha, porém, numa abordagem divergente, Bettelheim afirma que o “carater proletário de uma revolução tem muito mais a ver com o papel dominante desempenhado pela ideologia proletária e pelo partido portador dessa ideologia que com a amplitude numérica do proletariado” (p. 85).

A importância desse livro é apontada por Paul Sweezy ao afirmar “estarmos finalmente a dar os primeiros passos em direção a uma teoria viável do que incontestavelmente constitui, com o imperialismo, um dos dois fenômenos decisivos da realidade mundial da segunda metade do século XX, ou seja, a sociedade de transição entre o capitalismo e o socialismo” (p. 43).

MARIA HELENA SIMÕES FILHO

*

*

*

GRAHAM (Richard). — *Grã-Bretanha e o início da Modernização no Brasil*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1973.

Sai agora em português o livro do historiador americano Richard Graham. Inicialmente a obra se tornou conhecida dos especialistas brasileiros através da publicação da Cambridge University Press *Britain and the Onset of Modernization in Brazil (1850-1914)*, editado em 1968. Richard Graham é, indubitavelmente, um dos historiadores americanos que melhor conhece a História do Brasil e, em especial, a história desse período, já anteriormente considerado por Capistrano de Abreu como o da modernização de nosso país. Todo seu trabalho está concentrado no papel exercido pela Inglaterra para que o Brasil caminhasse para “um mundo moderno”.

E diz o autor no prefácio:

“O Brasil começou a modificar-se radicalmente no período que vai de 1850 até 1914 e esta obra procura analisar, como um tema dentro dessa história, a influência exercida pelos britânicos na concretização desse processo revolucionário. Em 1914 o Brasil apenas começara a modernizar-se; mas havia começado. Talvez o esforço necessário para este impulso primário tenha sido bem maior que o requerido para o seu prosseguimento, pois não estou discorrendo somente sobre o desenvolvimento econômico, mas também sobre as mudanças havidas nas estruturas sociais e alterações pelas quais passaram os indivíduos, tanto em seu comportamento como na maneira de encarar os acontecimentos diários de sua vida, isto é, mudanças que possibilitariam outras modificações vigentes até os nossos dias”.